

SATYRAS

L. 413

EPIGRAMMAS



OUTRAS POESIAS

PELO

P.^o José Joaquim Correia d'Almeida

NATURAL DA CIDADE DE BARBACENA

PROVINCIA DE MINAS GERAES

OFFERECIDAS AO SR.

HONORIO AUGUSTO JOSÉ FERREIRA ARMOND.

Poeta que calcula quando escreve,
Que lima quanto diz, p'ra que não fira,
Que, medroso, não quer comprometter-se;
Que vá poetizar para os conventos!

(MAGALHÃES).



RIO DE JANEIRO.

Empreza Typ.—DOUS DE DEZEMBRO—de Paula Brito
Impressor da Casa Imperial.

1854.

M
3869.7
C 824
SEP
1350

barbaccena 22 di
nocefulo

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 2119

do ano de 1986

INTRODUÇÃO

Ginete, ou magro sendeiro,
Celeberrimo pegáso,
Não me recuses o estribo,
E conduze-me ao Parnaso.

Leva-me á tal Hypocréne,
Que, se não é patarata,
Tu fizeste rebentar
Do rasto de tua pata.

Vou beber inspirações
Nas auras d'aquelle monte ;
Inspirações vou beber
Nas aguas d'aquella fonte;

Que o poeta que verseja
Não sendo inspirado assim,
Poeta será talvez,
Mas poeta muito ruim.

De encantadora *Marilia*
Dirceu que narre os amores ;
Jacte-se da inveja que
Tinham-lhe os outros pastores.

Outro genio que memore
Bellos primores de cá ;
As palmeiras do Brasil,
Onde canta o sabidá.

Distribue a natureza
Dotes por arbitrio seu ;
Sentimental, meigo, e terno
Nunca o foi o verso meu.

Nega-lhe a suave doçura
O mimoso *abacaxi* ;
Picante sabor empresta-lhe
A pimenta *comari*.

Nem thuribulo, nem ductos
Aos que dominam a terra ;
Nem quartel ao vicio torpe,
Guerra, guerra, outra vez, guerra.

Dos louvores da lisonja
Desvio meu pensamento ;
Somente ao Deos dos exercitos
Hosanna tem cabimento.



SATYRA

OS PATRIOTAS

De nossos politicões,
Patriotas de empreitada,
Gigantes feitos de anões,
Classe bemaventurada,
Aqui debuxo as feições.

E' meu defeito, não nego;
Se a fazer versos me atiro,
E na penna rude pego,
A' direita e á esquerda firo,
Dou bordoadas de cego.

Tenha santa paciencia
Qualquer nobre senhoria,
Ou qualquer nobre excellencia;
Satyra não injuria,
Se não tem condescendencia,

Si do povo chego a ouvir
Tribuno inculcar-se amigo,
E ao máo governo aggreidir,
Logo resmungo comigo
— *O que elle quer, é subir!*—

Charlatão que não conhece
Um principio, se aventura
A fallar no que parece
Sciencia intrincada, escura,
Que assás de estudo carece!

Um que não sahiu da matta,
E que é pessimo roceiro,
Estadistas desbarata:
E' completo financeiro,
E' perfeito diplomata.

Contra o governo se inflamma
Para o qual habil se pensa,
Inepto que, diz a fama,
Traz a roupa na despença,
E o toucinho sobre a cama.

Idiota que na escóla
Não soletrou B—A—Bá,
Balofos termos engróla
E á luz da imprensa dá
Os productos da cachóla.

Espanca cheio de gana
A pureza do idioma,
E a lingoagem puritana
Que se respeite elle toma
Por mania muito insana.

Suppõe que a patria periga,
Que a constituição 'stá rôta,
E, para que não se diga
Que não é bom patriota,
Passa a mão pela barriga.

Si houve mudança de scena,
Desce-sobe, sobe-desce,
Eis que lança mão da penna,
E defendendo apparece
O que, ha pouco, elle condemna.

Já do povo se esqueceu,
So quer dar força ao poder,
E se alguem comprometteu,
A ninguem pode valer,
Quando todo o mundo é seu.

Uma fita logo vem,
Um empregosinho ganha,
E as exigencias que tem
Por sua ambição tamanha,
Cumpridas, tudo vai bem!

Enche a boca de *canalha*
Esse *quidam*, que exerceu
Nobre officio de navalha,
E hoje traz ao peito seu
A *pendente maravilha* !

E eu então, simplorio, que
Não conheço maganões ;
Qual este foi, e qual é,
Digo cá com meus botões :
Quem te viu, e quem te vê !



EPIGRAMMA

De sabio, profundo, e douto,
De illustrado e de instruido
O lisongeiro appellido
Custa menos que um biscouto.
Cautela, boçaes freguezes!
Não vos illuda o barato;
Acontece muitas vezes
Por *lebre* vender-se gato.



EPIGRAMMA

f
Avaro mortal ajunta
Quantia consideravel ;
Baixa da morte infallivel
O decrecto irrevogavel .

Que prazer fruiu na terra
O avarento que finou ?
Pôde gozar o que teve,
E o que teve não gozou .



O DUELLO

ODE

O. D. C. AO REVM. SNR.

JOSÉ MARIA XAVIER

LENTE DE PHILOSOPHIA E RETHORICA.

*Neque hic hepīs mos, nec fuit honibus
Unquam nisi in dispar feris.*

(HORACIO).

Nas horrorosas scenas que ensangentam
As paginas da historia
Enxerga-se a medonha catadura
Do nefando duello.

Dezar da natureza postergada,
Inspiração do inferno,
Este monstro hedondo nos colloca
Muito abaixo dos brutos.

Sim ; que os brutos ferozes não exercem
Enfurecida raiva
Sinão contra animal reconhecido
De outra especie diversa.

Entretanto, dirão: na culta Europa,
Na Europa intelligente
Affrontas de familia, questões de honra,
Decidem-se á pistola.

Si a maldizente lingua detractora
Amargo fel distilla
Para tishnar a candida virtude
Da pudica donzella ;

Si ao publico empregado, de conducta
Não mesclada de opprobrio,
Na practica do officio melindroso
Sem razão accusaram.

Trèmula mão arroja ás impias faces,
Aos labios da calumnia
Essa luva funesta, esse evidente
Signal de desafio.

E eleitos dous padrinhos, escolhido
Lugar, e hora marcada,
Offensor e offendido se apresentam
Dispostos ao combate.

Contados vinte passos de distancia,
Armas engatilharam
Ambos fizeram fogo, e pelo menos
Algum cahiu ferido.

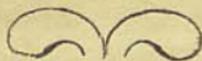
Eis como recupera-se o precioso
Enxovalhado credito ;
Eis como se restauram fóros de honra
De cumpridos deveres!

Irresistivel força de argumento,
Brilhante syllogismo,
Exato nas primissas, exactissimo
Na final consequencia !

E que ousado atrevido tentaria
Fazer objecção forte
A' vigorosa logica de sangue
Da cultivada Europa ?...

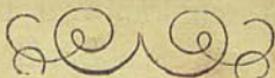
Quem ?... Eu to digo, o minino proselyto
Desse livro sublime,
Divina collecção de santas maximas
Evangelho sagrado.

Baependy, setembro de 1852.



EPIGRAMMA

Do *contrario contrario* não se olvido
O medico allopata,
Quando ao morbus da vida
Por antidoto applico a morte e mata.



EPIGRAMMA

Quanto vales, tanto pésas,
O' tu amigo de usuras,
O' tu que ao proximo lésas :
E através das sepulturas,
Na balança do peccado
Sustida por São Miguel,
Pende mais para teu lado
O rectissimo fiel.



PARABOLA

A ARVORE E O SUMARÉ.

Agreste, viçoso tronco
Tem as raizes no chão,
Estende frondosos galhos,
Que doces fructos nos dão.

Das eminencias desta arvore,
Que tão proficua nos é,
Inquilino se apodera
Parasita *sumaré*.

E gauderio, usurpador
Não dá fructo que se coma,
Não exhala seus perfumes,
Sua flôr não tem aroma.

.....

Nas duas classes
Da sociedade
Vereis bem clara
A paridade.

E' tronco de arvore
O povo pobre,
E sumaré
A classe nobre.



EPIGRAMMA

Dizem que Astrea é vendada,
Mas eu julgo não ser tal ;
Tem os olhos offuscados
Pelo brilhante metal.



EPIGRAMMA

Certo burro erguendo a pata,
Ingrato couce pespega
Na face de um cavalheiro,
Que de tal caso arrenega.

E, por não deixar impune
O burro que assim procede,
E' um tiro de pistola
A satisfação que pede.

A' injuria correspondeu
Oportuno desagravo,
Prova mais que exuberante
De quanto é capaz um bravo.



EPIGRAMMA

X
Avarento auri-faminto
Sem pestanejar escuta
Os sons accordes que Appollo
Na lyra de oiro executa.

Este bom procedimento
(Por Hercules) não me admira,
Pois que do louro metal
Era fabricada a lyra.



EPIGRAMMA

Acaso serás Orpheu,
Tu que extrahes o som da lira?
Eu não creio, isso é mentira ;
Mais me pareces Morpheu!



SATYRA

Viste já que seis ursos arrastassem
Em dourados berlindas um poeta?

(Garção).

E' o fado dos poetas

Não professarem real.

(Nicoláo Tolentino)

Poetas tem recebido
A lyra de cordas d'ouro,
Com que Apollo intonso e louro
Os protege e mimosea ;

Porém, porém
O ser poeta
E' ser pateta,
Pois não ha quem
Poeta seja
Que não se veja
Sem ter vintem.

Nasão, mestre dos amôres,
Certo, de Roma gozava
Si o erro o não despenhára
Nos abysmos da desgraça ;

Porém, porém
O ser poeta
E' ser pateta,
Pois não ha quem
Poeta seja,
Que não se veja
Sem ter vintem.

Ergo excelso monumento
Mais que o bronze permanente ;
Não morrerei totalmente,
Dice o coronel Horacio ;

ss/

Porém, porem
O ser poeta
E' ser pateta,
Pois não ha quem
Poeta seja,
Que não se veja
Sem ter vintem.

Sublime poema heroico,
Que ao Troyano divinisa,
A Virgilio immortalisa
Como ao principe do metro ;

Porém, porém
O ser poeta
E' ser pateta,
Pois não ha quem
Poeta seja,
Que não se veja
Sem ter vintem.

Na posse dos bens terrestres,
O ditoso Mantuano
Pudera dizer ufano
Deus nobis hæc otio fecit :

Porém, porém
O ser poeta
E' ser pateta,
Pois não ha quem
Poeta seja,
Que não se veja
Sem ter vintem.

Faz presente de um—*perum*—
O jovial Tolentino,
E conta como ladino
Ganha nisto com usura;

Porém, porém
O ser poeta
E' ser pateta,
Pois não ha quem
Poeta seja,
Que não se veja
Sem ter vintem.

Que zoilos estremecessem
O grande Elmano bradava,
Porque Filinto presava
Versos que Elmano fazia;

Porém, porém
O ser poeta
E' ser pateta,
Pois não ha quem
Poeta seja,
Que não se veja
Sem ter vintem.

« Tenho os dotes da ventura;
« Dou graças, Marilia bella,
« Dou graças á minha estrella »
São palavras de Dirceu.

Porém, porém
O ser poeta
É ser pateta,
Pois não ha quem
Poeta seja,
Que não se veja
Sem ter vintem.

O Brasil e Portugal
Com todo o impuho entender,
E sollicitos pretendem
Ser o berço de Gonzaga;

contendem

Porém, porém
O ser poeta
É ser pateta,
Pois não ha quem
Poeta seja,
Que não se veja
Sem ter vintem.

A provisão de Ferreira,
Luso poeta distincto,
Pela boca de Filinto
Se tornou realidade;

Porém, porém
O ser poeta
É ser pateta,
Pois não quem
Poeta seja,
Que não se veja
Sem ter vintem.

—De Camões inevitavel
Onde jaz o moimento?!—
Novo cantor de talento
Dê a pergunta, assim o erige.

Porém, porém
O ser poeta,
É ser pateta,
Pois não quem
Poeta seja,
Que não se veja
Sem ter vintem.

Grasnem de Bávios e Mevios
Centenas e mais centenas,
Que é bastante ^{sem} só Mecenas
Na presença de um Augusto
Porém, porém
O ser poeta,
É ser pateta,
Pois não ha quem
Poeta seja,
Que não se veja
Sem ter vintem.



APOLOGO

AS TOUPEIRAS E A AGUIA

Reunidas as toupeiras
Em certo lugar da terra.
Decidem fazer á aguia
Desabrida e crua guerra.

Neste proposito assaltam
De chofre o passaro altivo,
Contando tel-o seguro,
Seja morto ou seja vivo.

Então este bate as azas
Por livrar-se da alliança,
E se remonta onde a furia
Das toupeiras não alcança.

.....

Entre os homens tambem ha
Toupeiras que fazem guerra,
O peor é não subirem
Um palmo acima da terra.

Como a aguia, habita ^o ao genio
Nas altas sobranceiras;
Das alturas não se enxergam
Cegos, obscuras toupeiras.



O SONETO

Nesta vida um Soneto já dictei,

(Gregorio de Mattos).

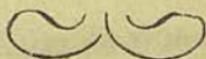
O Soneto é para mim
Caminho p'ra minha roça;
Nos quartetos e tercetos
O meu estro se remoça.

Já fiz um soneto digno
De luminarias eternas:
Se não foi soneto, foi
Bixo de quatorze pernas.

Era no conceito e metro
Um soneto bem *agudo*,
Que neste genero e classe
Está acima de tudo.

Tão sublime producção
Marrota-me de orgulho;
Té no conselho dos Deoses
Excita grande barulho.

{ Minerva revira os olhos,
Desmaia, perde os sentidos;
Mercurio coça a cabeça,
Apollo tapa os ouvidos.



EPIGRAMMA

(IMITAÇÃO DE BOCAGE).

X
O celebre Guillotin
Exerceu a medicina,
E tão bom pratico foi,
Que inventou a guilhotina!



O LIVRO DOS OBITOS

Memento homo, quia pūlvīs es et
in pulverem reverteris.

Que idéa pavorosa não me assalta
Ao rever este livro melancolico,
O funereo registro dos finados
Pela mirhada mão da cruda morte
Traçado em caracteres denegridos!
Ephemera vaidade, gloria ephemera,
Relampago fugaz da vida humana,
Já tudo se acabou, voltaste ao nada!...
Acaso duvidar ainda queres
Da rigida verdade que profiro?
Ali tens o attestado fide-digno,
Ali naquella pagina terrivel
Do triste mánuscripto da Parochia!



MINHA PROFISSÃO

Que não deve chorar alheio fado
Que tem o de ser mestre de meninos,
(*Nicoláo Tolentino*).

A fortuna caprichosa
Conspirou-se contra mim;
Sentei-me por meus peccados,
Na cadeira de latim.

Engenhos de transcendencia,
Talentos aquilatados,
Neste museu de rapazes
São por mim apreciados.

Aquelle moço de tino
Liga bem duas idéas:
Suppõe que *Dido* era macho,
Que era *femea* o pio *Enéas*.

Que de colicas não faz
Ouvir um pobre *pascacio*
Dizer falsos testemunhos
Contra Ovidio e contra Horacio!

Em ode, que chamam, saphica
Diz o vate que a cidade
Temeu que se renovasse
Do diluvio a c'lamidade.

Quando Protheu multiforme
Os escamosos rebanhos
Apascentou nos cabeços
Desses oiteiros camanhos.

Quando os peixes foram ter
Aos elevados raminhos,
Habitação conhecida
Sómente dos passarinhos.

Pergunta o lente ao discipulo
A razão porque galgaram
As montanhas, e nas arvores
Guelrosos peixes tocaram.

Foi porque, meu padre-mestre,
Morreu de velho o seguro:
Recearam afogar-se,
Segundo bem conjecturo.

AMOR AOS INIMIGOS.

Dêligite inimicos vossos.

(S. Matheus, 5, 44.)

« Amai ao proprio

« Vosso inimigo,

« Que só dest'arte

« Sereis comigo.

« Sem distincção

« Fazei o bem

« Àquelle que

« Odio vos tem.

« Rogai á Deos

« De noite ou dia

« Por esse que

« Vos calumnía. »

O bom Jesus

Assim nos disse,

Recommendou

Quê se cumprisse.

Triste d'aquelle
Que recusar
Este preceito
Desempenhar.

A morte chega
Ou cedo ou tarde;
No fogo eterno
Seu corpo arde.



JACULATORIA

Espirito Santo,
Essencia Divina
Nosso intendmento
Inflamma, illumina.



A ESMOLA

e
Pecata tua eleemosynis redime.

(Daniel, 4, 24).

E's inquilino da terra,
E a riqueza accumulastel...
Para a viagem da morte
Seguro barco fretaste?

Se o não fizeste, inda é tempo!..
Não vês aquelle mendigo,
Que nos andrajos envolto
Trás a miseria comsigo?

Ajusta commodo frete
Com esse misero pobre,
Que por amor de Deos pede
Uma moeda de cobre:

E' remeiro e bom piloto
Nos mares do passamento;
Ao porto da Gloria sabe
Conduzir-te á salvamento.

EPIGRAMMA

Charlatão impertinente
Esfregou tanto o nariz
Nas obras de Chrenoviz,
Que adoeceu finalmente.

E veio o facultativo,
Medico, ou cirurgião,
Applicar o curativo
Ao enfermo charlatão.

« Consinta que o pulso tome...
« Deite a lingua para fóra...
« Conheço, percebo agora
« A molestia que o consome.

« Se a medicina não mente,
« Espero que me acredite,
« Que está soffrendo o doente
« Aguda *charlatanite*. »

SATYRA

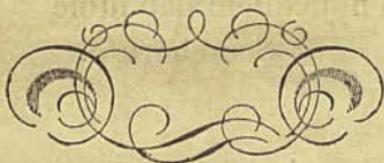
Oh que costume, oh que moda,
Oh que moda, oh que costumel
Não ha hoje quem não fume
Seu charuto.

Homem gordo que se affronta,
Homem magro que se espicha,
Tudo, tudo escorropicha
Seu charuto.

O que tem riqueza muita,
E o que tem riqueza pôca,
Tudo, tudo tem na boca
Seu charuto.

Ou seja feio ou bonito,
Ou seja bonito ou feio,
Tudo traz como recreio
Seu charuto.

Porque lá na Europa é moda,
No Brasil assim se fez,
Tudo, tudo, tudo traz
Seu charuto.



COLXEA

Quem tem bocca vai á Roma.

GLOSA.

Não faltam meios de vida
A' quem a vida procura;
Só se mostra a sorte dura
Percebendo que é temida.
Se tu vês que está perdida
Dos cabedaes toda a somma,
Ligeiro partido toma,
Não deliberes com tigo,
Olha que é rifão antigo:
Quem tem boca vai á Roma.



AS INCOMPATIBILIDADES

Para nós
Pão e mel;
Para vós
Pão e fel.

Baldo de ingenho e d'arte,
Sem profundo talento,
Um notavel portento
Cantando espalharei por toda a parte.

Verá quem não é cego
Esta contradicção:
No medio cidadão
Incompativel é qualquer emprego.

O ser vereador,
E ser juiz de paz,
Que conciliação faz
Excesso é, que se pune com rigor.

É terrível delicto
Que, por ordem do dia
Ou grave portaria
Do presidente lava grande pito.

Nas altas regiões
Diverso gallo canta,
Ninguém por lá se espanta
De exercer um milhão de occupaões.

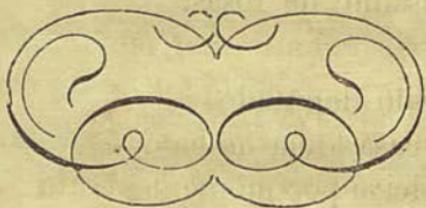
Occupações rendosas,
Que não causam fastios,
Fôfos colxões macios,
Ou leito suavissimo de rosas.

O feito deputado
Na casa toma assento:
Só deixa por momento
A vara de juiz ou magistrado.

Porque encerrada a *cuja*,
Regesser para a banca; *regressou*
E de novo desbanca,
Primando na sentença ou garatuja.

E póde o senador
Fazer-se conselheiro,
Ministro financeiro,
E de tudo acceitar paga e valor.

Este, que a patria cara
Sob a tutela toma,
Para augmentar a somma
Si mais mundos houvera lá chegara.



O JUSTO

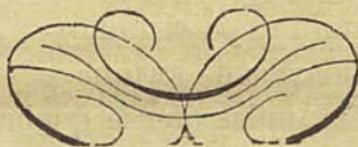
Justus ut palma florebit.

Como placidos correm aureos dias
Do justo no caminho da virtude!
Embates formidaveis da fortuna
São encrespadas ondas que se quebram
Na quilha da galera da innocencia.
Dentro d'alma, no intimo do peito
Recinto impenetravel aos remorsos
Tem archivado o mappa das acções
Que a interna consciencia tranquiliza.

Bemaventurado aquelle
Que a mil tentações resiste;
Bemaventurado aquelle
Que na virtude presiste.

Desabe o mundo a seus olhos,
Negrege o rosto da sorte;
No reduto da innocencia
Intrepido encara a morte;

Porque o livro das razões,
Que tem saldo a seu favor,
Pode ser apresentado
Ao Supremo julgador.



O ESCRAVO JUSTIFICADO

Si o homem foi feito á imagem
E similhaça de Deus,
E' por certo, a liberdade
Um dos privilegios seus.

Destruir esse direito
E' transgressão evidente
Da lei de Deus, que reformas
Não tolera, nem consente.

Entretanto no Brasil
Preceito humano que voga
As ordenações Divinas
Expressamente deroga.

Impio senhor deshumano
Com mortifero azurrague
Do miserando captivo
Dilacere o corpo e o chague,

Qual tigre bravío e fero
Beba-lhe o sangue de um sorvo;
No cadaver saborea-se,
Como faz o immundo corvo;

Que si o escravo—coitado!
Defendendo seu direito,
Reage contra o verdugo,
E lhe fere o infame peito,

Sem maior formalidade
Uma forca se improvisa,
Onde segundo carrasco
A cerviz do escravo pisa.

E assim, conforme o código,
E' circumstancia agravante
O que a lei natural chama
Circumstancia attenuante.

Barbacena, 19 de dezembro de 1853.



EPIGRAMMA

Diz o adagio que logo que a pobreza
Penetra pela porta,
Pela janella escapa a sã virtude.

Ha excepções de regra;
Muita vez a indigencia não consegue
Roer a probidade,
Que nego na razão deva contar-se
Directa dos haveres.

—Quanto tens, tanto vales—é verdade
Principio no axioma
De rigor mathematico sómente
No livro da taverna.



TUDO É PRÉGAR

Do prégador a profissão sublime
E' multipla, diversa, de mil modos.

Quando ao pulpito sóbe e desenvolve
A doutrina de Christo, a ~~sã~~ doutrina ²
Bebida na linguagem dos Apostolos,
Sermão edificante é o que nos *préga*.

Quando ao pulpito sóbe e ahi levanta
A' sagrada escriptura veneranda
Sem numero de falsos testemunhos,
Impia mentira *préga* revoltante.

Quando moroso, gasta immenso tempo
Pisando e repisando aspera phrase,
Que a martello introduz no máo discurso,
Massada horribilissima nos *préga*.

Quando no exordio gordo arrogantissimo,
—De Bossuet ridicula parodia—

Promette fanfarrão mundos e fundos,
Fazendo tiro grande, porque a pólvora,
Como lá dizem é pólvora alheia;
E por fim, já nos transe da penuria,
Despende o cabedal da propria lavra,
Que ao louco fez dizer judicioso:
—*Aquillo sim, aquillo agora é delle*—
Então é que nos *préga* o que se chama
Uma peça synonima de pulha!



EPIGRAMMA



As faltas de teu irmão
Tolerante não desculpas,
E tendo-as, como elle as tem,
Não lhe perdoas as culpas.

Bem considerado o caso
Não ha razão para isso;
Um e outro sois de barro,
E de barro quebradiço!



O UNIVERSO

Et opera manumigus
Annuntiat firmamentum.

A grandeza de Deus, gloria, excellencia
No assombroso prospecto se debuxa
Do claro firmamento adamantino.

Quantos milhões de globos luminosos
No espaço do universo se equilibram?
Que numero de milhares de adherentes,
E quantos mil satelites rodeam
A tantos sóes, a tantos reis de luzes?

Si por leve momento questiona
A si proprio, a si proprio diz o Sabio:
—Deus é Deus, o infinito é infinito,
Tal é a explicação das maravilhas
Que a mão do Creador tem semeado!



EPIGRAMMA

ETTON



profissões

Nem mesmo em tua perfeição e officio
Uma palavra dizes!
E's um tolo, julgado
Por sentença de varios bons juizes.

Porém vós, meu censor, que largamente
Fallais no officio alheio,
Não tomeis a má parte
Que vos diga o que sois—sois tolo e meio.



MOTTE

*O nobre Patriotismo
Cahio nõ exercicio findo,
O genio do mal dizia
Sarcasticamente rindo.*

GLOSA.

Os heroes de nossa terra
Alçaram o vicio ao throno,
E, por nosso desabono,
Tudo quanto o vicio encerra;
A boa fé se desterra,
E degrada-se o civismo:
Ambicioso egoismo
Temendo a luz que o offusca,
Supplantar procura, busca
O nobre patriotismo.

E' bem facil a victoria
Do perverso contra o justo,
Sem trabalho ou maior custo
Alcança trophéos e gloria,
E no templo da Memoria
Bello artifice exculpindo
Um letreiro esbelto e lindo
Põe por distico no cobre:
—O Patriotismo nobre
Cahio no exercicio findo.

Depois de formal derrota,
Segue-se bom resultado;
A Constituição do Estado
E', folha por folha, rota:
Augmenta-se a verba e quota,
E' cada empregado *harpia*,
E a funesta olygarchia
Tracta de realizar
Aquillo que, por zombar,
O genio do mal dizia.

Contínua calamidade,
A guerra, a fome, a desgraça,
Febre amarella que grassa,
E dezima a humanidade:

BIBLIOTECA

SENADO FEDERAL

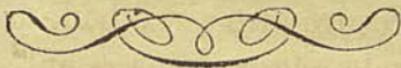
Por cum'lo de iniquidade
A publica fé cahindo
E o perjurio progredindo,
Mais do que certo fizera
O que o genio predicera
Sarcasticamente rindo.

Barbacena, outubro de 1852.



EPIGRAMMA

Si está de birra o Paulista,
Mascou fumo e fez tenção,
Desta razão
Ninguem o saca,
Nem que o diabo
Bata bruaca!



LOBO NÃO MATA LOBO

Si é perverso o funcionario
De elevada gerarchia,
Temos toda a garantia
No supremo tribunal.

Por ventura o presidente
Que se diz prevaricou,
Correctivo não achou
Que o fizesse arripiar?

Si não achou correctivo,
Procure bem que o hade achar;
Onde elle costuma estar
E' nas paginas da lei.

Por ventura o magistrado
Que seus despachos vendeu
A condemnação não leu
De seus crimes no alto fôro.

Si a condemnação não leu,
Soletre bem que hade ler;
Para não se corromper
'Stá toda em letra redonda.

Si até os dias presentes
Um exemplo não se dá,
Que mostre que penas ha
Contra o funcionario réo;

Nem por isso se conclua,
E nem se tire illação
De não haver punição
Nos capitulos do codigo.

E' que o recto julgador
As razões de *pro e contra*
Na fiel balança encontra
Em equilibrio perfeito.

E neste caso o juizo
Está de antemão lavrado,
E o réo apatrocinado
Pelo Doutor Agostinho. (1)

Eis a norma da sentença
Que no tribunal se observa;
—*Pelo calc'lo de Minerva*
O lobo não mata lobo.—

Barbacena, dezembro de 1852.

(1) Santo Agostinho, Doutor da Igreja.

O NOSSO THEATRO POLITICO

No meu modo de pensar,
E no meu fraco entender,
Nosso theatro politico
E' como devera ser.

Tem scenario e camarotes,
Tem cadeiras e geraes,
Protagonista, comparsas
Et cet'ra, e tudo o mais.

Na tragedia ou na comedia,
Que estão a representar,
Desempenham todos bem,
Tudo está no seu lugar.

Succede nos mais theatros
O mesmo que aqui succede,
Eu me explico em breves termos,
Como o assumpto exige e pede.

Farsistas, comediantes,
Os *prestidigitadores*,
Exercem a profissão
No tablado e bastidores.

E a classe dos não professores,
De camarote ou platéa
E' sómente d'onde póde
Fazer parte da assembléa.

No meu modo de pensar,
E no meu fracõ entender,
Nosso theatro politico
E' como devera ser.

A' plateia e camarotes
Muita gente honesta vae;
Do bastidor ao scenario
Gente sizuda não sahe (1).

Barbacena, outubro de 1852.



(1) As uvas estão verdes!

EPIGRAMMA

Os brutos vão celebrar
Suas festas ou funcções:
Qual será, eu vos pergunto;
O pregador de sermões?

Quereis saber qual será?
Eu vol-o digo, escutai-o:
E' sem duvida o macaco,
Si não fôr o papagaio.



APOLOGO

A ABOBREIRA

Quiz a lei da natureza
Que a vegetal abobreira,
Qual a serpente abatida,
Fosse uma planta rasteira.

Ella se arrasta é verdade;
Mas, quando póde arrimar-se,
Abandona o chão que é seu,
Tracta logo de elevar-se.

Quebranta da natureza
As inviolaveis obras
Deixa pender lá de cima
Os fructos que são abobras.

.....

Não se nota isto sómente
Neste reino vegetal;
Ha certa classe de gente
Abobreira racional.

Ella se arrasta, é verdade;
Mas, quando póde arrimar-se,
Abandona o chão que é seu,
Tracta logo de elevar-se.

Então lá de cima pendem
Os fructos de suas obras;
Porém de gente abobreira
Os fructos são sempre abobras!



EPIGRAMMA

Um labrego, transportado
Do vetusto continente,
N'America hospitaleira
Deste modo aferra o dente.

Bocage

Esta prova nos convence
(Dizia o hospede ingrato)
Da villeza desta terra,
De que agora aqui eu trato.

Quando Christo veio ao mundo,
Quando o Verbo se encarnou,
Nas plagas americanas
Certamente não pisou.

Ui! (lhe responde um caboclo)
Como podéra vir cá,
Si vós, impios de além-mar,
O crucificastes lá?



A ESCRAVIDÃO

Ouve-me, escuta,
Senhor injusto;
O que te digo
E' recto e justo.

Com que direito
Tens teu irmão
Em odiosa
Escravidão?

A' lei divina
E natural
Não o fizeram
Em tudo igual?

Tu não ignoras,
Homem feroz;
Fazes-te surdo
A' austera voz

Da consciencia
Que reprovando
O crime horrendo
Te está fallando:

Ao descendente
Do mesmo Adão,
Impio forjaste
Duro grilhão.

Si o consanguineo
Assim flagellas,
Sanctos preceitos
Tu atropellas.

Insuportavel
Ultrage, aggravo,
Do homem livre
Fazer-se escravo!

Teme a justiça
Do fôro eterno
—Aos bons, a Gloria §
Aos máos, o inferno— ».



EPIGRAMMA

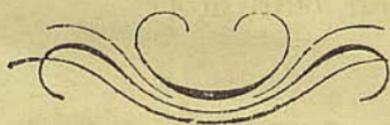
Qual praga de gafanhotos,
Que o sertão tem assolado,
Destruindo todo o pasto
Que era alimento do gado;

Tal dos Habitos a praga
Tem assolado este imperio,
Transformando, convertendo
O que é honra em vituperio!



EPIGRAMMA

Que tal é vosso compadre?
De que conceito elle goza?
—Bom conceito, posto que
É Cavalleiro da Rosa.



EPIGRAMMA

X

Dentro de redonda pinha
Muitos fructos chochos ha;
Succulento pinhão conta-se
Um aqui, outro acolá.

E no prolixo discurso
Muitos termos chochos ha;
Succulento verbo conta-se
Um aqui, outro acolá!



EPIGRAMMA

9

Chamas-me pobre, insolente?
Não sei como não me abrazol!
—Chamei-o pobre de espirito;
—Ah, sim! isto é outro caso.



EPIGRAMMA

Foi um pai com sua filha
A frequentada funcção:
Extraviou-se a menina
No meio da confusão.

Um amigo vendo o pai
Todo afflicto a procural-a;
Com vozes consoladoras
Ao afflicto amigo falla:

Extremoso pai, releva
Tua filha procurar;
Porém que chegue a perder-se
Não o deves recear.

O prudente pai responde:
O perder-se não me abala;
Receio que antes de mim
Algum outro possa achal-a.

SATYRA

« Hei por Bem conceder
Que aquelle Deputado que assistiu
A' minha c'roação,
De *Senhoria* tenha
O nobre tractamento. »

Era assim concebido
Decreto imperial que todos leram,
Decreto imperial
Inda não ampliado,
Ao menos que me conste.

Agora humildemente
Pedindo mil perdões, venia pedindo
(Sem offender melindres),
Porque ignoro, faço
Passageira pergunta.

¿ Como no Parlamento,
Na Cam'ra dos eleitos temporarios
O titulo de *Excellencia*
E' mutuamente dado,
Dado a torto e a direito?

Concedera o Decreto
Senhoria *menor*, si por ventura
O honrado Deputado
Tivera o tractamento
De *Excellencia maior* ?



A CAHIDA DAS FOLHAS

(TRADUZIDO DE MILLEVOYE.)

Dos despojos da floresta
O outono a terra juncára;
Era o bosque sem mysterio,
E o rouxinol se calára.

Solitario enfermo joven
Percorria a passo lento
Sylva, que na leda infancia
Dera tanto aprazimento.

« Adeos, bosque, adeus, que eu morro!
Teu dó me prediz a sorte,
E em cada folha que cahe
Vejo um presagio de morte. »

« Triste orac'lo de Epidauro,
Dêste a sentença agoureira
Que eu veria as folhas pallidas,
Mas pela vez derradeira. »

« Eu succumbo! o frio sopro
Dos Aquilões me tocou;
Como espectro a primavera
De meus dias se passou. »

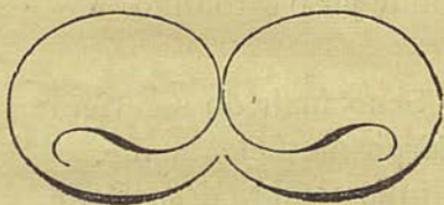
« Oh folha ephemera, cahe,
Do caminho cobre o trilho,
E occulta á Mãi disolada
Onde jaz o caro filho. »

« Si ao fugir do ^{sol} ser viera
Carpir-me fiel amante,
Minha sombra despertara
Cheia de allivio um instante ! »

Fallou, foi-se, e para sempre...
Fatal momento é chegado,
E, tres dias decorridos,
Já seu corpo é sepultado.

Porém o ^q amante não veio,
Não veio a amante enlutada
Verter lagrimas saudosas
Sobre a lugubre morada.

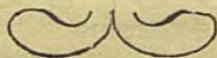
E um pastor daquelles valles,
Que ruidosos passos deu,
Quebra o placido silencio
Do funéreo mausoléo.



EPIGRAMMA



Porque, ó fragil creatura,
Fomentas tanto despeito,
E aquartelas a soberba
No recondito do peito?
De ti faço este conceito,
Que é sincera opinião:
—Tens de ferro o coração
E a cabeça de cortiça.



EPIGRAMMA

Dos Apostolos o numero
Era uma *duzia* completa:
Cada pregador moderno,
Que a sancta prédica inceta,
E' um pregador das *duzias*.



A CIDADE DE BARBACENA

Da corrupta atmospha cortezã
De putridos miasmas,
Peregrino viandante, vens fugindo,
E já percorreste
As sombrias florestas da P'rahyba,
E galgaste a soberba Mantiqueira,
Theatros de infortunios
Para o triste Mineiro, que buscara
A estrada que ao emporio o conduzia.
Toma alento, descança da fadiga;
Já não tens de subir, e estás bem longe
Da corrupta atmospha cortezã
De putridos miasmas.

Tens percorrido

Nesta immensa chapada que deslisas
Não parece que as raias do horizonte
Amplissimas excedem teus olhares?

Acaso não respiras docemente

O placido fayonio?

Como teu coração não se dilata

Energico batendo

De inefavel prazer dentro do peito!

Não vês além, nas bordas da campina

Alvejante Cidade sobranceira?

Vê, repara! E' altiva Barbacena,

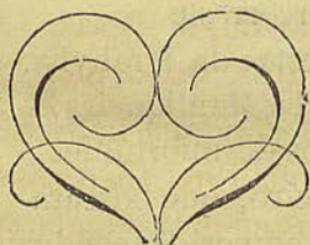
Ufana do character de seus filhos

Vê, repara! E' altiva Barbacena

Erguido Capitolio inaccessivel

Aos botes de ridiculos mandões.

Baependy, setembro de 1852.



EPIGRAMMA

—Qual foi sua occupação?
Onde estavas, *Manoel*?

—Na cidade de São Paulo,
D'onde venho Bacharel.

Faze-me pois com clareza
A descripção dessa terra;
Si e planice, si é montanha,
Ou desfiladeiro, ou serra.

Dize-me qual seu limite
Pela parte do Oriente.
Do Meio-dia, do Norte,
E do tardío Occidente.

—Tua pergunta indiscreta
Não é mais que disparate;
Hade estudar taes materias
Bacharel do meu quilate?

—A Commarca da Cidade
D'onde começa, onde acaba?
—Sei apenas que é limitrophe
Da feira de Sorocaba.

EPIGRAMMA

(AOS PITADORES.)

Para extinguir tanto fogo
Não é bastante o diluvio;
Cada boca de um fumante
E' cratera do Vesuvio!



EPIGRAMMA

(O diminutivo de moda escripto
com—u—em vez de—o—.)

X
Mui bem póde o surdo ouvir,
E póde o cégo encher gar,
Si é permittido escutar-se
Uma *mudinha* cantar.



O DETRACTOR E O DUELLO

De escrutador
Da vida alheia
Virosa lingua
Não se refrea

Fere o melindre
Do varão justo
Para fruir
Prazer injusto.

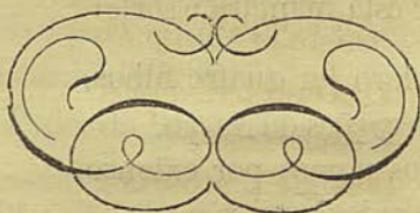
Este exaspera-se,
E com razão
Defende a propria
Reputação.

Aos brios do homem
Dirige o appello,
Atira a luva
Para o duello.

O vil conserva-se
Tranquillo e calmo,
Sabe o terreno
Palmo por palmo.

Dos desafios
E' lei dever
O appellado
Arma escolher.

Deste preceito
Não houve mingua;
O detractor
Escolhe a lingua.



TESTAMENTO SOLEMNE

Vigilate itaque, quia
Nescitis diem neque horam,

Em nome do triste fado,
Em nome da má ventura,
Que maltracta o Brasileiro,
Qual *perdida* creatura

Em *Constituição Política*,
Nos paroxismos da morte,
O meu testamento faço
Por esta maneira e sorte:

Declaro ter quatro filhos,
Delegações da Nação,
Cujos nomes por extenso
Exarados aqui vão.

O Poder Moderador,
O Poder Legislativo,
O Poder Judiciario,
E o Poder Executivo.

Todos deixo por herdeiros;
Mas, por prudente cautella,
Conservem-se os tres primeiros
Do quarto sob a tutella.

O Poder Moderador
Torne-se um *Poder passivo*,
Verdadeira manivella
Do Poder Executivo.

Não se metta a rabequista
O Poder Legislativo;
Seja moço de recados
Do Poder Executivo.

O Poder Judiciario
Represente bem ao vivo
Vingador d'alta justiça
Do Poder Executivo.

Da terça os remanecentes
Deixo para quinto herdeiro
Bastardo, espurio poder,
O Poder do Reposteiro (1).

Por espontanea vontade
Deixo por testamenteiros
Todo o Conselho de Estado,
Ou qualquer dos Conselheiros.

(1) Cantiga velha.

E por esta melhor fórma
Hei por findo o testamento,
Que espero seja cumprido
Depois do meu passamento.

Feito na Côrte do Imperio
De Setembro aos vinte e nove,
No duo-de-quinquagesimo
De seculo dezenove.

A testadora se assigna
Com letra do proprio punho;
Cinco Ministros de Estado
Escrevem o testemunho

O demonio, que escápara
Das plantas de São Miguel,
Faz as perguntas do estylo,
Lavra approvação fiel.

Barbacena, 1851.



CANTICO DA B. M. V.

(Magnificat anima mea Domino).

A minha alma magnifica,
Ao Soberano Senhor
Meu espirito exultou
Em Deus, que é meu Salvador;

Porque sobre humilde servo
Benignas vistas lançou;
Eis que toda a geração
Dirá que bendita sou.

Porque o Todo-Podoroso
E o tão Sancto nome Seu
Grãos prodigios e milagres
Só por mim ao mundo deu.

E sua misericordia
Nas gerações se verá,
E, qual manto immensuravel
Aos que o temem cobrirá.

Toda a sua omnipotencia
No forte braço mostrou,
Com o proprio seu espirito
Soberbos desbaratou.

Da cadeira em que sentavam
Poderosos fez cahir,
Dando a mão que os ajudasse
Os humildes fez subir.

Aos que fome padeciam
De bens encheu que os fartassem,
Aos ricos de ostentação
Fez que os bens se evaporassem.

Da infinita misericordia
Não sabendo se esquecer,
Ao servo Israel dignou-se
Em seu seio receber.

Sem faltar ao promettido
A nossos pais a Abrahão,
E pelos sec'los dos seculos,
A' vindoura geração,



SATYRA

Muita cousa neste mundo
Nos consome e assassina,
E mesmo sem ser paixão,
Quando não mata, amofina.

O musico instrumentista,
Ou cantor que desafina,
Aos attentos *dillettanti*,
Quando não mata, amofina.

Pregador nedio e roliço
Que nos impinge doutrina,
Pregando sermões furtados,
Quando não mata, amofina.

Rapariga presumida
De ter boca pequenina,
Rósea face, eburneos dentes,
Quando não mata, amofina.

Senhor que aos escravos dá
O sustento por tamina,
A taes pobres esfaimados,
Quando não mata, amofina.

Petit-maitre que no peito
Traz *não-me-deixe*, ou bonina,
Enjôa mais que puáia;
Quando não mata, amofina.

Moça matuta ou da roça,
Que uma perna tem mais fina,
Por buracos espreitando,
Quando não mata, amofina.

Poeta que só decanta
Sua formosa Marcina
Em languido verso erotico,
Quando não mata, amofina.

Sequista que móe o ouvido
Como se fosse buzina,
Narrando oitenta episodios,
Quando não mata, amofina.

Bherrão que de um só folego
Se uma pipa não empina,
Sorve suas dez garrafas,
Quando não mata, amofina.

Mulher que falla tremendo
Em mochos, lunario, e sina,
E nos dias asiagos,
Quando não mata, amofina.

Usurario que dos cobres
Padece fome canina,
Em fisingando o devedor,
Quando não mata, amofiña.

Perdigueiro estonteado,
Sem ensino ou disciplina,
Lançando fóra as perdizes,
Quando não mata, amofina.

Alumno que não comprehende
A lição que o mestre ensina,
Faz perder a paciencia,
Quando não mata, amofina.

Escolastico pedante,
Que pelas ruas declina
Hora, horæ, servus, servi,
Quando não mata, amofina.

Si é já de philosophia,
E nos diz que discrimina
Em tudo *causas e effeitos,*
Quando não mata, amofina.

Cavallo magro e chotão,
Passarinheiro, ou que empina,
Além de abalar as tripas,
Quando não mata, amofina.

Vergonhosa e rabugenta
Contenda de medicina,
De allopathas e homœopathas,
Quando não mata, amofina.

De perdidos dissolutos
Assembléa libertina,
Discutindo sobre Dogmas,
Quando não mata, amofina.

Mulher de seus quarenta annos
Que quer passar por menina,
Por menina e por mimosa,
Quando não mata, amofina.

Publicista que despreza
Frases puras e genuinas,
E emprega termos chacócos,
Quando não mata, amofina.

Viajante que nos conta
Lá da Italia ou Palestina
Prodígios que ninguem viu,
Quando não mata, amofina.

Senhora vinda *de baixo*,
De educação superfina,
Desdenhando o que é *de cá*,
Quando não mata, amofina.

Parlamentar que parece
Ter na garganta surdina,
Discutindo p'ra si só,
Quando não mata, amofina.

E aquelle que não sabendo
Com quem seu nariz confina
Tracta questões de limites,
Quando não mata, amofina.

Nobis quoque peccatoribus
Serve a satyra, e termina
A massada, que enfadonha,
Quando não mata, amofina.



HONTEM E HOJE

Malo sollicitam libertatem
Quam servitium quietum.

Engodo de phantasia,
Illusão, credulidade,
Palavra especulativa,
Chimerica *Liberdade!*

Si, mellifluo termo adoças
O captiveiro de agora,
Era mais ordeiro e placido
O captiveiro de outr'ora.

Porque o vassallo, sciente
Das garantias do escravo,
Curva ao cutello a cerviz,
Não procura desagravo.

.....

Inda assim eu não quizera
Ordeiros tempos de outr'ora,
Pelos quaes eu não trocara
Revoltos tempos de agora.

Adornada de ouro e purpura
Hodierna tyrannia,
Erguida pelos carolas
N'um ardor de hypocrisia.

Não merece equiparar-se,
Por leve comparação,
Ao cannonisado Sancto
Tribunal da Inquisição,

Que funcionou nesses tempos,
Ordeiros tempos de outr'ora,
Pelos quaes eu não trocára
Revoltos tempos de agora.



SONETO

O mar embravecido
A terra de mil fructos que a guarnecem
Toldada, com que as forças reverdecem
Do homem atrevido:
Tudo aponta a Suprema Intelligencia
Adoravel autora da existencia.

(*Sousa Caldas*).

Em tudo o que formúla a natureza
O Saber Infinito se avalia;
Nem um ser jámais nunca se desvia
Da sancta lei que o rege com firmeza.

Jámais se encontra no leão molleza,
Nem na ovelha o valor, a valentia;
Floresce como dantes florescia
A rosa sempre a mesma na belleza.

Faça embora empenhado e vão intento,
Ao mais do que elle magestoso pinho,
O cedro não iguala em crescimento.

Incansavel é sempre o passarinho,
Que amoroso conduz brando alimento
Aos implumes filhotes no biquinho.

EPÍGRAMMA

Um philosopho da Grecia,
Que Heráclito se chamava,
Em qualquer scena da vida
Motivo de pranto achava.

Outro philosopho Grego,
Demócrito nomeado,
Estava para se rir
Sempre e sempre preparado.

E' difficil discernir-se
Qual dos dous melhor pensava;
Si aquelle que sempre ria,
Ou si aquelle que chorava;

Pois o theatro do mundo
Tem as vistas *furta-cores*,
Lampejando as vaidades
Intermeadas de dores.

NECROLOGIA

Mortuus est... morrem!

Oh Sancto Breve de Marca,
Que grande calamidade!
Que desgraça tão comprida,
Que larga infelicidade!

Oh morte, tyranna morte,
Ao golpe de tua fouce
Desta para melhor vida
Dom Pascacio retirou-se.

Que factu extraordinario
Sucedido em nossos dias,
Morrer de morte *macaca*
Pascacio das *Ninharias!*

A dôr me offusca a razão,
Meu juizo se ataranta,
Retrocede a voz dos labios,
E aperta o nó da garganta.

Não tenho lagrimas para
Chorar perda tão funesta,
E agora que a voz recobro,
Só posso dizer:— *E estal?*—

Meu velho amigo *Pascacio*,
Pascacio das *Ninharias*,
Encheu tão rapidamente
A medida de seus dias!

Não pensem que *Dom Pascacio*
Era vil mortal obscuro;
Que seu nome sem renome
Hade ficar no monturo.

Foi bom filho de seus pais,
Bom marido da mulher,
Inda melhor pai de filhos,
E acredite-o que quizer.

Occupou varios empregos
De popular eleição;
A politica o nomeou
Inspector de quarteirão.

Nos tribunaes exercia
O officio de contador;
Da Irmandade do Rosario
Tambem foi procurador.

Em criticas circumstancias,
Em muito apertada quadra,
Reinando ociosa paz,
Serviu de cabo de esquadra!

Por aqui se vê sem duvida
A falta que hade fazer
Dom Pascacio, que morreu
Porque deixou de viver!

Os concidadãos lamentam,
E a familia muito mais;
Pelos becos e travéssas
Não se ouvem se não—ais!—

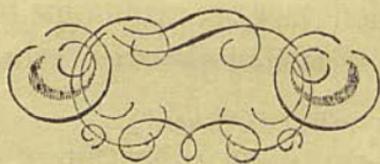
Ai d'aqui, *ai* d'acolé,
Soluços, prantos, gemidos,
Luto na roupa, e nas caras,
Chôros tristes e carpidos.

No *Diario e Mercantil*
Formigam necrologias
Dizendo todas:—morreu
Pascacio das *Ninharias!*—

O mundo inteiro deseja
Ler a vida do defunto,
Feitos illustres que attestam
A extensão de seu bistunto.

Aqui jaz o *Dom Pascaciol*...
No sepulchro o amigo escreve
Um punhado de cevada,
E a terra lhe seja leve.

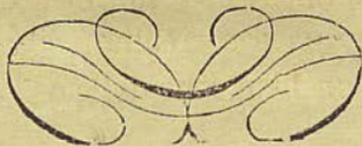
Barbacena, 1853.



EPIGRAMMA

Quem ao ladrão capêa
ste epigramma lêa.

Não saberás por acaso,
O' tu que ao ladrão proteges,
Que o tal verbo *rapio*, *rapis*
Conjugas por *tego*, *tegis*?



RECRUTAMENTO DE CRIMINOSOS

De pessimo character o peralta
E' bebado, vadio, faz desordens,
E' ladrão formigueiro?

Do codigo improficuo inuteis penas
Não serão correctivos que o detenha
Na vereda do crime.

Sem dilações, nem formulas morosas,
Processo mui summario segue-se hoje
Contra o réo de policia.

Uma farda, espingarda, e munições,
Penacho, barretina e correame,
Punem bem seus delictos.

E assim é que se formam as cohortes
Que defendem noss'honra e nossos fóros,
A patria, as leis, e o throno.

Barbacena, 8 de junho de 1853.

EPIGRAMMA

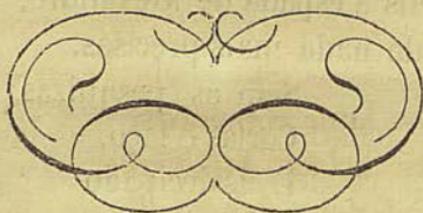
(TRADUZIDO J. B. ROUSSEAU.)

Após lauta comesaina
Certo bebado enfermou,
E o Galeno que acodiu
Nestes termos opinou:

Noto dupla enfermidade
Que esta victima devora,
Excessiva febre ardente
E sêde consumidôra.

Ora Hypocrates nos diz,
E piamente acredito,
Que a sêde com preferencia
Combata-se em tal conflicto.

Doutor, cura-me da febre,
Porque é mal de maior monta
(Diz o enfermo), quanto á sêde,
Ficará por minha conta.



EPIGRAMMA

Questões que o Sabio respeita
Tu não deixas indecisas;
Tens a espada de Alexandre,
E de nada mais precisas.

Sem as pesquisizas
Cortas o laço,
E eis decipado
Todo o embaraço.

Dou razão, justiça faço
Do proceder expedito;
Como tu muitos imitam
O assassino de Clito.
Benemeritos do apito
Tantos Magnos Alexandres
Si não são dignos de bronze,
São-no da *folha-de-Flandres!*



SATYRA

A POLKA

Qualquer acção hoje em dia,
Que entre nós tenha lugar,
Sej' util, ou de agradar,
Seja boa como fôr,
 Não sendo á polka,
 Perde o valor.

Muito embora se afadigue
Na colheita e plantação
Do milho, arroz, e feijão
Diligente lavrador,
 Não sendo á polka
 Perde o valor.

Manobre com todo o acerto
A torquez e o puchavante
Robustissimo pulsante
E expedito ferrador,
 Não sendo á polka,
 Perde o valor.

Seja firme no compasso,
Siga as leis da melodia,
E os preceitos da harmonia
O menestrel de primor,
 Não sendo á polka,
 Perde o valor.

Suba ao pulpito sagrado
O rhetorico profundo,
E dê nova luz ao mundo
Instruido pregador,
 Não sendo á polka,
 Perde o valor.

Tenha o lyceu muito embora
Os professores e lentes,
Sabios doutos e prudentes,
E tenha austero reitor,
 Não sendo á polka,
 Perde o valor.

Bos objectos pittorescos
Com seu lapis ou pincel
Deduza copia fiel
O desenhista pintor,
 Não sendo á polka,
 Perde o valor.

Seja liso em transacções,
Tenha sempre um só dizer
No comprar e no vender
O sincero mercador,
 Não sendo á polka,
 Perde o valor.

Elabore pela patria
Lei que seja apropriada,
E ao paiz accommodada
Prudente legislador,
 Não sendo á polka,
 Perde o valor.

Com todo o esforço proteja,
Empregue todo o cuidado
No innocente tutelado
Justo e honesto curador,
 Não sendo á polka,
 Perde o valor.

Dispare o tiro seguro
Contra aligera perdiz,
Ou alada codorniz
O certo caçador,
Não sendo á polka,
Perde o valor.

Ou habilmente pratique
A moderna homccopathia,
Ou antiga allopathia
Esculapico Doutor,
Não sendo á polka,
Perde o valor.

Na Parochia tenha embora
A residencia formal,
Além da material
O catholico Pastor,
Não sendo á polka,
Perde o valor.

Barbacena, Maio de 1846.

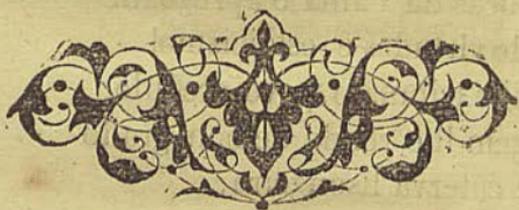


SATYRA

Quão probo, quanto honesto e virtuoso
Tal homem é na opinião dos homens!
As cem bocas da Fama o apregoam
Modello de virtudes e estoicismo!
Respeito lhe tributa o povo credulo,
Homenagem lhe rende de bom grado
Unanime caterva lisongeira,
Que o podre incenso ardendo em seus altares
Exalta o nome seu além dos astros.
Aquelle o numerando entre os heroes,
Capataz dos heroes o qualifica:
Aquell'outro eloquente em panegyricos,
Com solemne apothéose não contente,
A seus pés quer prostradas as Deidades.

Mas... dizei-me, qual facto caridoso,
Que a lei Divina manda, praticou?
Qual dessas quatorze obras meritorias
Exerceu potentado de tal nome?
Qual desses dez preceitos do Decálogo
Sacrilego deixou de quebrantar?
Qual desses sete vicios capitaes
Polluto não deixou seu corpo immundo?

Tresloucadas perguntas são pequices
Que a humana opinião tão sabixona
Por desdem não responde, e só despreza.



EPIGRAMMA

Ó louco, ou por outra, aquelle
Que tem perdido a razão,
Tarde ou nunca a recupera,
E' geral opinião.

Mas agora descobriu-se
Um remedio milagroso,
Que na sua applicação
Não é lá muito custoso.

Consulte o louco ao letrado,
Eis sómente o que convem,
Pois ninguem melhor do que este
Dá razão ao que a não tem.



EPIGRAMMA

E' revoltante injustiça,
E' sem razão o dizer-se
—*No paiz não ha justiça!*—
Inda ha pouco eu vi vender-se
Ou trocar-se por moeda
A justiça em almoeda.
Si não houvera,
Não se vendera.



EPIGRAMMA

†
Um Galleno foi á caça,
E avistando um passarinho
Dice: espera que *eu te curo*,
E atirou no coitadinhol



EPIGRAMMA

Aquelle rico avarento,
Que só mira o cofre forte
Deste mundo para a gloria
Não achará passaporte.

E na porta de São Pedro
Poderá menos entrar,
Que no fundo de uma agulha
Grosso Camello passar.

Quem o dice não engana,
Quem o dice não nos mente:
Pobres ricos deste mundo,
E pobre de muita gentel!...



O SAPATEIRO

Muito trabalha
O sapateiro,
Sentado á banca
O dia inteiro.

Logo que brilha
O arrebol,
No fio passa
Duro cerol.

Sempre sentado
E nunca em pé,
Segura a fôrma
C'o tira-pé.

A' solla esfrega
Aspera lixa,
Nos proprios dentes
O couro espicha.

Pucha a palmilha
Com o bater
No duro cepo,
Até crescer.

Por desbastar
Move o cutello,
Por estender
Bate o martello.

A escova empunha
De quando em vez,
O botim lustra
De bom freguez,

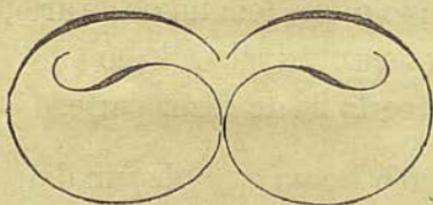
Que a molhadura
De oitenta réis,
Lhe retribue
Para pastéis.

Toma a medida
Para o calçado,
Sinão de cócaras,
Ajoelhado.

Si os dedos fura
Com a sovella,
Tudo isso é nada,
E' bagatella.

E as obras delle
Tão trabalhadas
Por nossos pés
Serão pisadas?

Pois vingativo
Seja desforro;
Sapatos faça,
Mas de caxorro.



EPIGRAMMA

Brevemente se hade abrir
Um collegio menos máo,
Sito na Bibiriboca,
Director Pípiripáo.

Tudo o que chamam sciencia,
Tudo o que tem nome de arte,
Deste universal collegio
De certo ha de fazer parte.

Não é Roma obra de um dia;
Rançoso latim primeiro,
E os mais ensinos comecem
A trinta de Fevereiro.



SATYRA

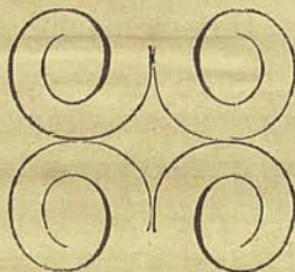
Entre nós (diz um rabeça)
Padres, medicos, letrados,
Formam classes de illustrados
Com perdão do altar e mesa.
Tirada honrosa excepção,
O homem tem toda a razão

E diz, fundado em grammatica,
Que a palayra—Bacharel—
Se derivava fiel
Destas duas—baixa e reles—
Tirada honrosa excepção,
O homem tem toda a razão.

Que estes sonoros vocabulos
Allopatha, homœopatha,
Patarata, mata-mata
Rimam bem, são consoantes.
Tirada honrosa excepção,
O homem tem toda a razão.

Que havia parcho tal,
Que nos livros declarava,
Si aquelles que baptisava
Eram *parvos* ou *adulteros*. (1)

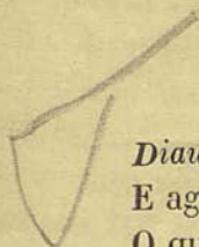
Tirada honrosa excepção,
O homem tem toda a razão.



(1) No assento do baptisamento costuma o parcho declarar se o baptisado era parvulo ou adulto.

EPIGRAMMA

(TRADUZIDO DE MARCIAL.)



*Diavlo já fôra medico
E agora é gato-pingado:
O que hoje em dia pratica,
Tinha outr'ora praticado.*



A ACTUALIDADE

Nállidade, perfidia, astucia, e crime,
Subi ás aras, que o Brasil vos chama.

(F. Octaviano—Ode à Martim Francisco.)

Eu te esconjuro, época de lôdo,
Progenitora fertil de acanhados
Pigmeus de braços curtos, paralyticos,
Ineptos, incapazes de reger
Decuria de uma escola, quanto mais
Destinos de um Imperio Americano!
Edade asinhavrada, onde summiram-se
Denodados heroes que tão brilhantes
Dias de juventude ao Brasil deram!
Onde está por acaso o austero, o rígido
Feijó, Paulista digno de renome,
De estatuas immortaes, perennes digno?
Os absynios da patria o apedrejaram
No descer do ocase á sepultura!
(Oh vergonha!) cuspiram-lhe na coval
Taes são, taes são as cousas d'este mundo!

do

De honestos patriotas sem estigma,
Sem lívido ferrete de ignominia
Quantos restam nos dias que decorrem?
Algum cansado, trôpego, exaurido.
De forças no combate pela patria;
Algum já reformado por invalido,
Que honrosas cicatrizes ainda mostra
Nas rugas do semblante intercaladas;
Que chora pelas glorias do passado
E lamenta as miserias do presente,
E treme das borrascas do futuro!
Tudo o mais são apóstotas infames,
Ou subterraneos vermes que subiram
A' flor do chão no revolver da gleba,
Ou faminto *Esau*, que baratea
Direitos pelo prato de lentilhas,
De estomago maior que o Pão de Assucar.
Taes são, taes são as cousas deste mundo!

Na esphera patriotica em que volvem-se
Os astros que illuminam, que dissipam
As trevas da ignorancia, e de egoismo,
Tivemos de subir para o zenith,
E agora descambamos ao Nadir.
Taes são, taes são as cousas deste mundo!

A malicia dos homens progredira
Com tanta rapidez nas priscas eras;
Foi tão degenerada a raça humana,
Tanto avançou na estrada do delicto,

2
Que a meſinha efficaz de tal moleſtia
Foi terrivel diluvio que inundou
As terras e os viventes, tudo e todos!
Sómente um varão juſto foi iſento
Dos rigores da colera divina;
Salvou comſigo a prole abençoada
Nas tabuas de uma barca sobre as aguas,
E aſſim regenerou-se a raça humana!
Taes são, taes são as cousas deſte mundo!

Na ordem ſocial, moral, ou phyiſica,
Regenera-se a eſſencia depravada.
Si horivel cataclismo é inevitavel;
Si o diluvio de ſangue é neceſſario
Para lavar as maculas da culpa,
Da culpa ſocial que nos corróe...
A mão da Providencia nos ampare,
O lenho de Noé dê couto e abrigo
A' prole Brasileira abençoada;
E a pomba exploradora, regredindo
Com pacifico ramo de oliveira,
Ao menos a eſperança nos alente.
Taes são, taes são as cousas deſte mundo!

Barbacena, novembro de 1852.



O PROGRESSO DAS SCIENCIAS

A vista perspicaz, audaciosa
Do homem intelligente
Insondaveis arcanos investiga,
E o progresso continuo
Das artes, das sciencias é notavel.

A fêrvida caldeira
Da vaporosa barca que retalha
As encrespadas ondas;
O delicado arame, o fio electrico
Que transporta a palavra
Atravez de milhões de extensas legoas
N'um atomo de tempo,
—Ainda hontem ficções, já hoje factos—
São argumentos firmes
Das luzes que dimanam do progresso.

Rendem-se os elementos
A' potencia do genio que os conquista
Devassa e descortina;
E toda a natureza transparente
Tem de ser despojada,
Em breve, dos mysterios que a enriquecem,
Mais do que seus thesouros!

Suppões que assim será, mortal intrepido?
Quanto são enganosos
Teus calculos melhores, teus projectos!...
Ali não vês Pompéa,
A secular Pompéa sepultada
Sob montão de ruinas?!
Com ella se perderam muitas paginas
Do livro das Sciencias!

A lei da Providencia é quem demarca
Até que ponto avance
O Sabio no caminho do progresso,
E quando toca a meta
Que prescreve, inflexivel diz-lhe:—*Basta!*—
Não sigas, temerario;
D'aqui ávante está Babel confusa!

Barbacena, 8 de maio de 1853



EPIGRAMMA

Quereis ter conhecimento
Da arvore de geração
De todo o genero humano,
Desde o nosso pai Adão?

Em profundo, ingrato estudo
Não canceis vossa memoria;
Vêde a these de um Doutor,
E lêde a dedicatoria.



O MAGNETISMO

—*Quem faz o mais, faz o menos*—
E' principio que se toma
Em logica rigorosa
Por evidente axioma.

Não é pois maravilhoso
Si o Galleno magnetisa,
E soprando o somno languido,
De Morpheu o sceptro pisa.

Breve somno passageiro
Póde dar mui facilmente
Quem por officio e por habito
Faz dormir eternamente.

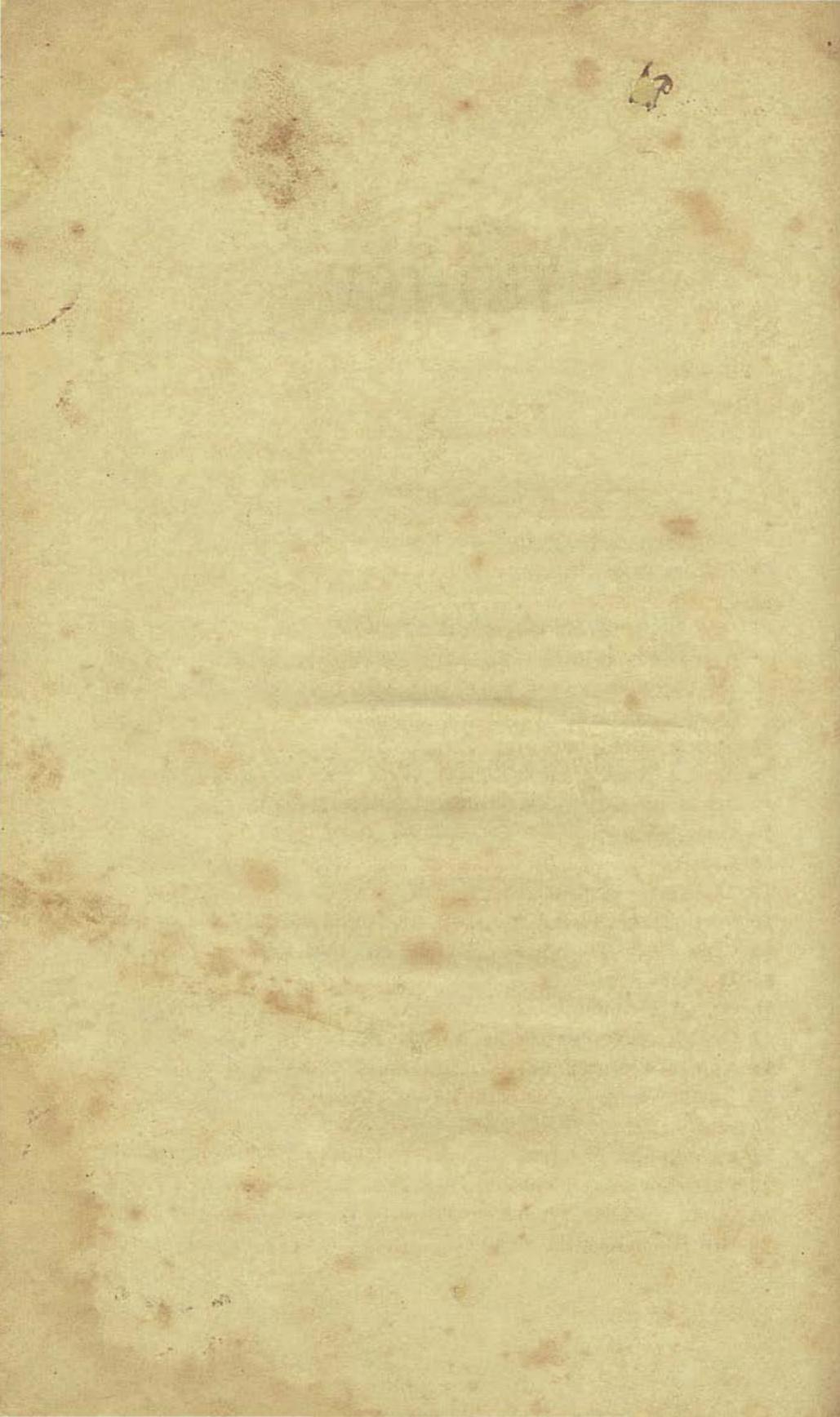


EPIGRAMMA

Causam-me tedio e fastio
Poeticos devaneios,
Entre tantos versos feios
Não encontro um só bonito.

—O motivo está prescripto,
Vos affirmo em boa fé.
Diz o adagio que *não* é,
O mel para a boca do asno.





025
017
022

INDICE

1	Ginete, ou magro sendeiro.....	5
2	De nossos politicões	7
3	De sabio, profundo e douto.....	11
4	Avaro mortal ajunta	12
5	Nas horrorosas scenas que ensangentam	13
6	Do <i>contrario</i> <i>contraries</i> não se olvida.....	15
7	Quanto vales, tanto pêsas	17
8	Agreste viçoso tronco.....	18
9	Dizem que Astréa é vendada.....	20
10	Certo burro erguendo.....	21
11	Avarento auri-faminto.....	22
12	Acaso serás Orpheu.....	23
13	Poetas tem recebido	24
14	Reunidas as Toupeiras	30
15	O soneto é para mim	32
16	O celebre Guillhotim.....	34
17	Que idéa pavorosa não me assalta.....	35
18	A fortuna caprichosa.....	36
19	Amai ao proprio vosso inimigo.....	38
20	Espirito Santo	40
21	E's inquieto da terra.....	41
22	Charlatão impertinente	42
23	Oh que costume, oh que moda!.....	43
24	Não faltam meio de vida	45

25 Baldo de engenho e d'arte.....	46
26 Como placidos correm aureos dias.....	49
27 Si o homem foi feito á imagem.....	51
28 Diz o adagio que logo que a pobreza.....	53
29 Do pregador a profissão sublime.....	54
30 As faltas de teu irmão.....	56
31 A grandeza de Deus, gloria e excellencia.....	57
32 Nem mesmo em tua profissão e officio.....	58
33 O nobre patriotismo.....	59
34 Si está de birra o Paulista.....	62
35 Si é perverso o funcionario.....	63
36 No meu modo de pensar.....	65
37 Os brutos vão celebrar.....	67
38 Quiz a lei da natureza.....	68
39 Um labrego transportado.....	70
40 Ouve-me, escuta.....	71
41 Qual praga de gafanhotos.....	73
42 Que tal é vosso compadre.....	74
43 Dentro de redonda pinha.....	75
44 Chamas-me pobre, insolente?.....	76
45 Foi um pai com sua filha.....	77
46 Hei por bem conceder.....	78
47 Dos despojos da floresta.....	80
48 Porque, ó fragil creatura.....	83
49 Dos Apostloos o número.....	84
50 Da corrupta atmospherã cortezã.....	85
51 Qual foi tua occupação.....	87
52 Para extinguir tanto fogo.....	88
53 Mai bem póde o surdo ouvir.....	89
54 De escrutador.....	90
55 Em nome do triste Fado.....	92
56 A minha alma magnifica.....	95
57 Muita cousa neste mundo.....	97
58 Engôdo dá phantasia.....	102
59 Em tudo o que formúla a natureza.....	104
60 Um philosopho da Grecia.....	105
61 Oh sancto breve da marca!.....	106
62 Não saberás por acaso.....	110
63 De pessimo character o peralta.....	111

25
21
22
74
+5
59
600

64	Após lauta comesaina	112
65	Questões que o sábio res- peita	114
66	Qualquer ação hoje em dia..	115
67	Quão probo quanto honesto e virtuoso	119
68	O louco, ou por outra, a- quele	121
69	É revoltante injustiça	122
70	Um Galleno foi à caça	123
71	Aquelle rico avarento	124
72	Muita trabalha	125
73	Brevemente se ha de abrir .	128
74	Entre nós (Diz um rabeça) .	129
75	Diaulo já fôra médico	131
76	Eu te esconjuro, época de lodo	132
77	A vista perspicaz audacio- sa	135
78	Quereis ter conhecimento ..	137
79	Quem faz o mais faz o menos	138
80	Causam-me tédio e fastio ..	139

